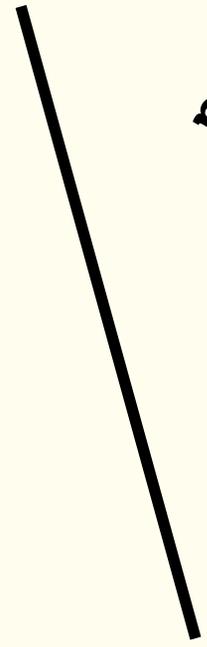




u s é n i a f r e  
e u s u e



**em nome  
das rosas**

Uma exposição feita por uma artista mulher para falar de todas as mulheres. Eugênia França apresenta a violência doméstica em um conjunto grande de pinturas.

Afinal, a condição feminina e a violência que ela suporta gritam o tempo todo por todos os cantos da vida, mas ainda há os que insistem em fazer ouvidos mocos. Em pleno século 21, a mulher ainda sofre violências públicas e privadas de toda ordem. Mas é na violência doméstica, na vida privada, que este mal se prolifera sorrateiramente, escondido entre paredes e aparências, deixando corpos e almas profundamente machucados.

Em todas as classes sociais, em relações diversas e em culturas distintas, a violência contra a mulher persiste no tempo e teve um aumento exponencial durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 em 2020. No momento em que precisamos nos proteger e buscar abrigo, muitas mulheres estão sujeitas a inseguranças físicas e emocionais.

*Em Nome das Rosas* traz a expressão desta realidade em centenas de rostos para não nos esquecermos das individualidades perdidas na reiteração da violência. As faces da violência precisam ser expostas e a percepção indigesta do quão somos violentos como sociedade é necessária para que nos tratemos coletivamente, para que não deixemos impunes aqueles que atacam e para que acolhamos com generosidade aqueles que sofrem.

Esta mostra compõe o Ciclo 19/20, que teve início em novembro de 2019, percorrendo todo o ano de 2020, ainda que com calendários alterados pela crise sanitária que se instalou. A seleção foi definida por uma comissão externa formada pelo artista visual Binho Barreto, o curador e designer Marconi Drummond e a professora da Escola de Arquitetura da UFMG e curadora Renata Marquez em edital de seleção pública para ocupação da Galeria de Arte BDMG.

Das 98 propostas inscritas, o grande denominador comum foi a reflexão sobre o tempo presente e todos seus desafios pulsantes. Relações com a natureza, com a diferença, com a cidade, com as imagens e com a materialidade do mundo – tudo isso como objeto das propostas artísticas.

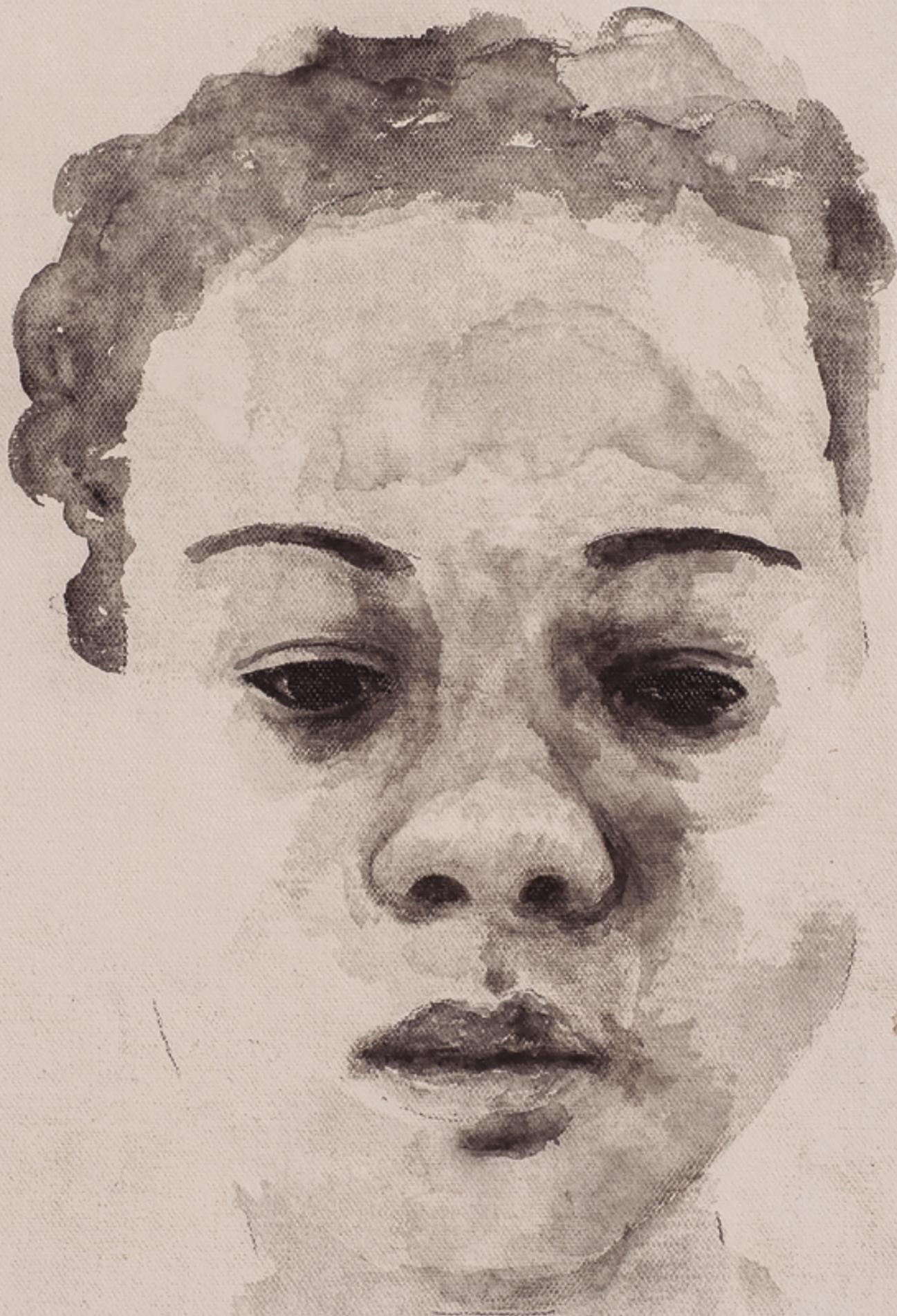
Talvez *Em Nome das Rosas* seja a mais dolorosa de todas elas. E, por isso, convidamos a todos a refletir, a se solidarizar, a acolher e a não se abster do que, no mundo de hoje, não há como não ver.

# EM NOME DAS ROSAS

Os acontecimentos políticos da última década escancararam um lado obscuro e obtuso, até então ocultado, de nossa sociedade. Paulatinamente, transformamos em hábito quase que cotidiano a agressão, a incapacidade de conviver com a diferença e a intolerância com o outro, atitudes que passaram a marcar as relações, tanto nas redes sociais quanto na vida real. Isso ocorre ao mesmo tempo em que a maior pandemia do último século assola o país e o mundo, obrigando a população a obedecer a uma força maior, invisível, que não escolhe suas vítimas. Há quase três meses do início do distanciamento social imposto por essa força que muitos teimam em negligenciar, esse lado já não tão oculto de nossa sociedade se escancara nos números da violência doméstica que crescem vertiginosamente. Números altos, números absurdos, números amedrontadores, que teimam em continuar crescendo e que, ao mesmo tempo, não comovem e não são capazes de gerar mais que notas de repúdio, ou sonoros: ‘isso é um absurdo!’, ‘quem é capaz de uma atitude como essa?’. Naturalizamos essa violência a ponto de transforma-la em mais uma dentre as várias com as quais temos que lidar diariamente. Números não contam histórias, números não personificam e materializam a violência, números são códigos que figuram em mais um gráfico que esquecemos com a próxima notícia.

O que Eugênia França faz nesta exposição é dar vida aos números, é transformar uma pequena parcela dessas mulheres em matéria, em narrativa, em retrato dessa violência. Faces deformadas, machucadas, muitas vezes inconformadas. Essa dor une diferentes tipos físicos, várias idades, o que transforma a exposição em um todo bastante uniforme, em que os traços da diferença aparecem nos detalhes. Pintadas sobre lonas de caminhão, as faces mostram, em um segundo plano, as marcas do longo uso das lonas, muitas vezes remendadas, que são como as cicatrizes que marcam as vidas de cada uma delas. Ao marcar a lona com vários tons de preto, Eugênia dá às pinturas uma delicadeza que, em um primeiro momento, parece não combinar com o assunto, mas que diz muito das histórias de cada uma dessas mulheres e funciona como uma espécie de camada material que transforma o luto em imagem. O título da exposição aponta para a dimensão contraditória dessas histórias, as quais não se resumem à dor, são, muitas vezes, histórias de amor, de superação, de empoderamento. Por meio das pinturas, expostas uma ao lado da outra, os números adquirem a dimensão dura e amedrontadora que os gráficos são incapazes de corporificar. Eugênia dá corpo aos números da violência, dá visibilidade às mulheres que pintou. Nesse momento singular da história do Brasil, ela exige que não naturalizemos essa violência.





Minha história não é diferente da de tantas outras mulheres que ainda se calam por medo, vergonha e influência dessa sociedade patriarcal que sucumbe almas.

Eu fui estuprada pelo meu pai adotivo ainda na infância e cresci sofrendo abusos e investidas dele.

Leva-se muito tempo em dores, sofrimentos e agonias.

A mulher passa anos desconstruindo a si mesma nessa busca pelo entendimento.

Foram muitos anos até chegar nesse aprendizado.

Até entender porque ninguém levantou a mão e disse PARE quando eu não podia dizer.

Até eu deixar de ser vítima também.

Até eu entender que a sociedade está errada e não eu.

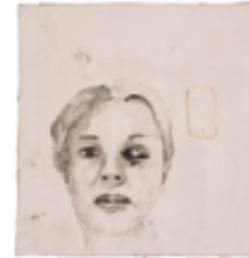
Até eu tomar coragem e denunciar o meu pai.

Essa é uma jornada de uma vida inteira.

E não é só minha.

Trata-se de uma luta pelo humano e pelo resgate desse humano.

***Alagoas, 14 de fevereiro de 2018.***



Duas semanas depois que eu saí de casa meu ex-companheiro me espancou até quase me matar.

Ele sempre me ameaçava, dizendo para eu nunca largar ele, senão eu seria uma mulher morta. Eu tinha muito medo, mas ao mesmo tempo eu acreditava que ele pudesse mudar, e por isso eu sempre dava outra chance. Eu gostava muito dele. Na verdade, acho que o que eu sentia era uma doença. Eu sabia que ele me fazia muito mal, era como uma droga, um vício, que você sabe que está te destruindo, mas você não consegue largar.

No começo, ele me agredia só quando bebia. Me empurrava, batia na minha cara e me chamava de vagabunda. A partir do momento que as agressões passaram a ser mais frequentes, eu resolvi largar tudo e ir viver a minha vida. O que me mantinha na relação era a esperança de mudança. Os momentos bons me faziam acreditar que no fundo ele era uma boa pessoa. Mas quando ele me agredia tudo se transformava em um inferno, e a única coisa que eu queria era sair correndo. Foi assim que vivi, entre o céu e o inferno, entre agressões, ameaças e esperanças.

Quando eu saí de casa e fui morar com uma amiga, ele não aceitou e me ligava todo dia pedindo pra eu voltar. Dizia que seria diferente, que, a partir daquele dia, ele seria um novo homem. Quando eu respondia que não dava mais, ele ameaçava, me agredia verbalmente e mostrava quem realmente ele era. Aí troquei meu telefone e acho que isso aumentou a ira dele. Meu erro foi não ter largado o trabalho e mudado pra bem longe.

Ele ameaçava e eu tinha medo, mas ao mesmo tempo eu não acreditava que ele seria capaz de tentar realmente me matar. Eu achava que era apenas uma pressão no momento de raiva.

Naquele dia, quando eu saí do trabalho ele estava na porta. Disse que tínhamos que conversar, já que eu não queria voltar tínhamos que entrar com o divórcio. Ele pareceu calmo, então confiei nele e entrei no carro. Mas ele foi para um lugar ermo, insistindo para eu voltar e dizendo que me amava. Mais uma vez eu disse não. Então ele foi ficando cada vez mais agressivo e começou a bater com o meu rosto no painel do carro. Ele apertava meu pescoço e eu não conseguia gritar por socorro. Ele dizia que minha cara iria ficar tão feia que ninguém mais iria me querer. Que eu não seria dele, mas também não seria de mais ninguém.

Ele me bateu muito e me deixou ali, gravemente ferida e inconsciente. Não sei como cheguei ao hospital e como sobrevivi.

Não dá para esquecer a violência que sofri.

Todas as vezes que me olho no espelho, eu vejo as marcas e não consigo compreender como alguém foi capaz de tamanha barbaridade.

Carregar essas marcas no rosto mexe com a minha identidade, com a minha autoestima, com a forma com que as pessoas me veem e como eu me vejo.

**DF, agosto de 2018.**







**Eugênia França**, nascida em Patos de Minas, MG, é graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard – UEMG e Serviço Social pela PUC – MG. Teve exposições individuais em espaços como o MAM Resende – RJ ( 2019 ) , MAB – Museu de Arte de Blumenau, SC (2018), MARCO – Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS (2017) e Pinacoteca de Maceió, AL (2017). Além de mostras coletivas em Brasília (2019), Toronto (2017) e Belo Horizonte (2013). Fez residência artística na *Arts Unfold* em Toronto, Canadá (2017). É autora do livro “Nós Outros e Eu Mesma: Transformar o barro em cerâmica expressiva para refletir sobre as relações humanas na sociedade contemporânea” (2016).

## ficha técnica

BDMG Cultural

PRESIDENTE  
Gabriela Moulin

DIRETORA FINANCEIRA  
Clarissa Perna

COORDENADOR  
ARTES VISUAIS  
Érico Grossi

COORDENADORA  
ACERVO  
Larissa D’Arc

PROJETO GRÁFICO  
Rafael Amato

COMUNICAÇÃO  
Paulo Proença

FOTOGRAFIA  
Miçuel Aun

CURADORIA  
Alan Fontes

## lista de obras

### Em Nome das Rosas

Série de pinturas

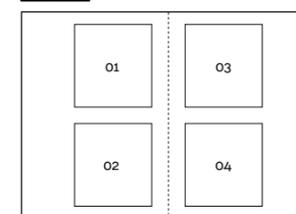
Acrílica sobre lona de caminhão

Tamanhos variados

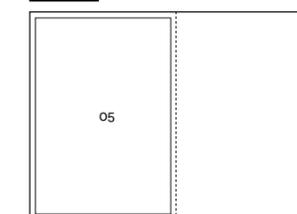
2018 – 2020

<b>CAPA</b>	Eunice	<b>30</b>	Luzia
<b>01</b>	Luana	<b>31</b>	Ruth
<b>02</b>	Andrea	<b>32</b>	Madalena
<b>03</b>	Joana	<b>33</b>	Dalvinha
<b>04</b>	Sandra G	<b>34</b>	Doralice
<b>05</b>	Beth	<b>35</b>	Wanda
<b>06</b>	Suelen	<b>36</b>	Cirlene
<b>07</b>	Tereza	<b>37</b>	Fabiola
<b>08</b>	Denise	<b>38</b>	Silvana
<b>09</b>	Gabi	<b>39</b>	Rosa Maria
<b>10</b>	Abadia	<b>40</b>	Mariana
<b>11</b>	Zuleika	<b>41</b>	Brunieli
<b>12</b>	Julia	<b>42</b>	Francisca
<b>13</b>	Luma	<b>43</b>	Inês
<b>14</b>	Patrícia	<b>44</b>	Claudete
<b>15</b>	Sofia	<b>45</b>	Valdira
<b>16</b>	Rosa	<b>46</b>	Penha
<b>17</b>	Teodora	<b>47</b>	Consolação
<b>18</b>	Dora	<b>48</b>	Tereza B
<b>19</b>	Geralda	<b>49</b>	Patrícia
<b>20</b>	Alice	<b>50</b>	Pri
<b>21</b>	Rosalia	<b>51</b>	Ana
<b>22</b>	Rafaela	<b>52</b>	Laura
<b>23</b>	Madalena	<b>53</b>	Juçara
<b>24</b>	Eunice	<b>54</b>	Cida
<b>25</b>	Nívia	<b>55</b>	Sandra
<b>26</b>	Cintia	<b>56</b>	Arlete
<b>27</b>	Anita	<b>57</b>	Tânia
<b>28</b>	Jordania	<b>58</b>	Bruna
<b>29</b>	Andressa		

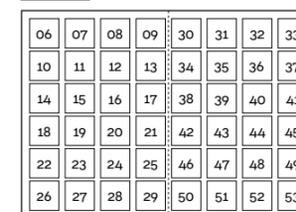
P 04 – 05



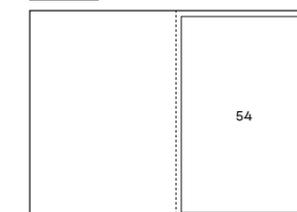
P 06 – 07



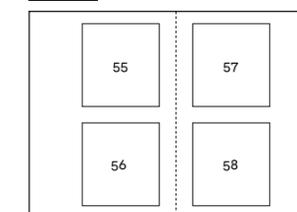
P 08 – 09



P 10 – 11



P 12 – 13



**ciclo de mostras  
2019/2020**

---

Alexandre Junior  
Froiid  
Felipe Chemicatti  
Lamounier Lucas  
Esther Az

**Eugênia França**

**Este catálogo foi impresso em tempos de pandemia da Covid-19 que acometeu o mundo em 2020. Como consequência, as agendas de exposições na Galeria de Arte BDMG ficaram comprometidas.**

**Galeria de Arte  
BDMG Cultural**

---

Rua Bernardo Guimarães  
1600 Lourdes

**[bdmg cultural.mg.gov.br](http://bdmg cultural.mg.gov.br)**



Lei de Incentivo à  
**CULTURA**

PATROCÍNIO E PRODUÇÃO:

**BDMG,**  **BDMG**  
CULTURAL

PARCERIA:



**CIRCUITO  
LIBERDADE**



CULTURA E  
TURISMO



**MINAS  
GERAIS**

GOVERNO  
DIFERENTE  
ESTADO  
EFICIENTE.

REALIZAÇÃO:

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL